

## Teologia da Amizade. Um olhar filosófico-teológico



Foto de Yaroslav Shuraev/Pexels

*Wilson Fernando Pereira da Silva*

*"Qui servit communi servit nulli".  
Amigo de todos, amigo de nenhum.  
(Autor desconhecido)*

### Resumo

Para Aristóteles, a amizade é um caminho para a felicidade e precisa de reciprocidade. Diferentemente de seu mestre Platão, Aristóteles dissocia completamente o *eros-philia*<sup>1</sup>. Para ele há incompatibilidade definitiva entre ambos. Outros filósofos corroboram com Aristóteles, como por exemplo Cícero, que atesta: "... todos julgam que de modo nenhum há vida sem amizade, ao menos os que queiram viver dignamente" (CÍCERO, DA, 86. p. 71). Pedro Abelardo, também deixa ensinamentos. Para ele *"Um amigo verdadeiro vale mais do que qualquer dom de Deus"*. Sêneca segue a mesma linha dos filósofos anteriores e nos apresenta o quão importante a amizade era vista e vivenciada em seu tempo. De modo geral a Bíblia reconhece a importância da amizade e não poupa palavras para enaltece-la. Vemos no Antigo Testamento uma forte intenção de Deus em ter amizade com o homem, e

---

<sup>1</sup> Philia – Amizade; Eros- Amor.

no Novo Testamento a possibilidade do homem de amizade com Deus. O CIC<sup>2</sup> assim descreve a Amizade: "O primeiro homem não só foi criado bom, como também foi constituído num estado de Amizade com o seu Criador, e de harmonia consigo mesmo e com a Criação que o rodeava; ter amizade e harmonia tais, que só serão ultrapassadas pela glória da nova criação em Cristo." CIC nº 374. Concluímos que tanto a exemplo da Filosofia, quanto à Luz da Teologia nosso conforto, nossa consolação está no amor. Se existe, para a Filosofia o ápice na Amizade segundo a virtude, na Teologia o ápice encontra-se na Amizade.

*Tive a felicidade de crescer no meio de pessoas que se amavam e que me amavam. Parecia-me então que relações desse gênero eram normais, próprias da natureza humana. E continuo a acreditar, embora, no decorrer de minha longa existência, tenha encontrado a maldade e o ódio entre os homens. Em verdade, estou persuadida de que esse comportamento é tão pouco normal quanto a doença. Assim como esta, ele provém da transgressão das leis fundamentais da vida. [Tatiana Tolstoi (1864-1950) escrevendo sobre a infância em Tolstoi, meu Pai - recordações (TOLSTOI, 1978, p. 29)].*

A escolha do tema "Teologia da Amizade - Um Olhar Filosófico-Teológico" para este trabalho monográfico, pré-requisito para conclusão do Curso Superior de Teologia, nasceu a partir de uma carta que escrevi, há cerca de dois anos, para um grande amigo que me havia ofendido gravemente. Como fundamentação teórica prévia para escrever a carta, li sete livros sobre o tema "Amizade", sendo eles: três de cunho filosófico e quatro de cunho teológico. Depois de escrever a carta, encontrei, por acaso, o viés que norteou minha decisão e consecutiva escolha pelo presente tema. Notei, de forma inequívoca, que os fundamentos da amizade cristã estão arraigados na tradição helenístico-filosófica e teológico-cristã.

Recentemente, durante minha pesquisa bibliográfica, deparei-me com uma edição do Pe. José Tolentino de Mendonça, lançado em Portugal em 2012 e, no Brasil, em 2013, intitulado *Nenhum caminho será longo - Para uma teologia da amizade*, que me encorajou ainda mais a discorrer sobre o tema. Durante minha exaustiva pesquisa bibliográfica acrescentei mais alguns livros aos que já dispunha, sejam filosóficos, sejam teológicos. Mas agora resta-nos uma pergunta: O que vem a ser o incomum título "Teologia da Amizade"?

Bem, não pensemos que se trata de um novo ramo para o estudo teológico, nem tão pouco uma nova cadeira a ser estudada em Seminários e Faculdades que se debruçam sobre o espaço científico filosófico-teológico. Não, não é isso! *Teologia da Amizade* é, antes de tudo, um olhar à luz da Filosofia<sup>3</sup> e da Teologia Cristã sobre como os aspectos da amizade permeiam o intrínseco mundo teológico-filosófico dessas ciências, de forma sutil, mas nem por isso menos expressiva.

<sup>2</sup> CIC – Catecismo da Igreja Católica

<sup>3</sup> Base da Teologia Cristã

Para a Amizade, em seu aspecto Filosófico, tomamos como base para nosso estudo o roteiro traçado por Aristóteles em *Ética a Nicômaco*, acrescido de reflexões de outros conceituados filósofos.

A amizade não é somente necessária; ela também é nobilitante<sup>4</sup> pois louvamos as pessoas amigas de seus amigos, e pensamos que uma das coisas mais nobilitantes é ter muitos amigos; além disso, há quem diga que a bondade e a amizade se encontram nas mesmas pessoas. *Ética a Nicômaco* (ARISTÓTELES, *EN*, Livro VIII, 1155a).

Assim, poderemos, com a retomada de um autor da Antiguidade, para quem a justiça era a virtude perfeita, olhar para a virtude que pode tornar honestas e agradáveis as relações entre os homens - a amizade -, propiciando a disposição para o bem comum. Dado que a justiça era considerada por Aristóteles a "[...] virtude em relação à vida civil, a amizade<sup>5</sup> aparecia como um elo entre os concidadãos "A amizade parece manter as cidades unidas [...]". (ARISTÓTELES, *EN*, Livro VIII, 1155a).

Já no campo teológico<sup>6</sup>, além da Bíblia de Jerusalém, outros livros embasaram minhas reflexões, demonstrando que, tanto no Antigo Testamento (Deus amigo dos homens) quanto no Novo Testamento (Homens amigos de Deus) a relação divino-humana discorre numa *Teologia do Amor*, numa *Teologia da Amizade*.

Por meio do intrínseco aspecto filosófico-teológico da Amizade podemos mergulhar nos objetivos da doutrina sagrada, que visa:

Transmitir o conhecimento de Deus não apenas quanto ao que Ele é em si mesmo, mas também enquanto é princípio e o fim das coisas, especialmente da criatura racional. (...) No intento de expor esta doutrina, havemos de tratar: 1. de Deus; 2. do movimento da criatura racional para Deus; 3. do Cristo, que, enquanto homem, é para nós o caminho que leva a Deus. (TOMÁS DE AQUINO, ST, 1ª, Q. 2, PRÓLOGO).

Assim sendo, ao percorrermos sobre a Teologia da Amizade, trilhamos uma das possibilidades ontológicas<sup>7</sup> do caminhar humano, analisando um dos seus atos mais nobres e concretos, sem, contudo, perdermos de vista a imagem e semelhança do homem<sup>8</sup> para com o seu criador, que nos amou primeiro.<sup>9</sup>

<sup>4</sup> Nobilitante: celebrizante, dignificante.

<sup>5</sup> A amizade em Aristóteles era o elo fundamental entre ética (moral) e política, bem como o vínculo social por excelência, ao fazer do (bem) viver comum uma escolha. A amizade perfeita, ou a amizade em seu próprio sentido, era aquela fundamentada na virtude. A felicidade individual e a felicidade da cidade convergiam, segundo ele, na amizade (LABARRIÈRE, Jean-Louis. Aristóteles (verbetes). In: CANTO-SPERBER, Munique (Org.). *Dicionário de Ética e Filosofia Moral*. São Leopoldo: Unisinos, 2003, v.I, p.117-124.

<sup>6</sup> A Teologia era a mais alta das Ciências da cristandade, a qual garantia o estudo mais sistemático e aprofundado de Filosofia (KENNY; PINBORG, 1997).

<sup>7</sup> Ontologia: parte da filosofia que trata do ser enquanto ser, *i. e.*, do ser concebido como tendo uma natureza comum que é inerente a todos e a cada um dos seres.

<sup>8</sup> Deus disse: "Façamos o homem" à nossa imagem, como nossa semelhança" *Gn* 1,26.

<sup>9</sup> Para Chenu, a união do homem com Deus não é apenas fator psicológico, mas a ascese é o meio de realizar uma ordem ontológica, de saída e retorno a Deus (CHENU, 1967, p. 78).

E tu, Israel, meu servo, Jacó, a quem escolhi, descendência de Abraão, meu amigo, tu, a quem tomei desde os confins da terra, a quem chamei desde os seus recantos mais remotos e te disse: "Tu és o meu servo, eu te escolhi, não te rejeitei". Não temas, porque eu estou contigo, não fiques apavorado, pois eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, sim, eu te ajudo; eu te sustento com a minha destra justiceira. (Is. 41,8-10)

A reflexão teológica sobre a Amizade que procuramos apresentar está alicerçada na bibliografia e na experiência, pois acreditamos que a única teologia que move as pessoas é a teologia alicerçada numa experiência genuinamente cristã e que tenha sido vivenciada pessoalmente. Somente uma experiência vivida é capaz, de forma eficaz, de mover as pessoas.

Considerando a vasta bibliografia acerca da Teologia da Amizade, produzida no Brasil e alhures, para embarcarmos nosso objeto, ou seja, a possibilidade da amizade enquanto espaço filosófico e teológico, desenvolvemos este trabalho em três capítulos: no primeiro, intitulado: "*Um olhar Filosófico*", com o subtítulo "*A amizade em Aristóteles na obra Ética a Nicômaco*", contrastaremos os escritos de Aristóteles, em *EN*, à produção científica de outros conceituados filósofos, buscando a compreensão da relevância filosófica da amizade em seu tempo.

O segundo capítulo *Um olhar teológico* é dividido em quatro subtítulos: *A Amizade de Deus e Abraão*; *A Amizade de Deus e Moisés*; *A Amizade no Antigo Testamento e a Amizade no Novo Testamento*. Debateremos a amizade na visão teológica, a partir da Bíblia, considerando a virtude existente e com relação às necessidades humanas. No quarto capítulo, que é conclusivo, intitulado a "*Inter-relação da amizade na filosofia e teologia cristã*" apresentaremos nossas constatações sobre a relação filosófico-teológica da amizade para a formação do cristão, levantadas nesta introdução.

## Um olhar filosófico

### ***A amizade em Aristóteles na obra Ética a Nicômaco***

Aristóteles, notável filósofo grego, nasceu em 384 a.C. na Cidade de Estágira<sup>10</sup>, colônia de origem Jônica<sup>11</sup> encravada no reino da Macedônia. Filho de Nicômaco, médico do Rei Amintas II, gozou de circunstâncias favoráveis para seus estudos. Em 367 a.C., aos seus 17 anos, foi enviado para a Academia de Platão, em Atenas, na qual permanecerá por vinte anos, inicialmente como discípulo, depois como professor, até a morte do mestre em 347 a.C. Depois do falecimento de Pítias, sua primeira esposa, casou-se com Hérpilis, da qual nascerá Nicômaco, que recebeu, por homenagem, o mesmo nome de seu avô paterno. O eloquente filósofo dedicou-

<sup>10</sup> Estágira (em grego antigo 'Στάγειρος', "Stágeiros", depois Στάγειρα, "Stágeira") é uma antiga cidade da Macedônia, situada hoje na Grécia. A cidade é particularmente conhecida por ser o local de nascimento do filósofo Aristóteles, que, por essa razão, é muitas vezes referido como "o Estagirita". Cfr. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Estagira>. Acesso em 09 de setembro de 2013.

<sup>11</sup> Jônia ou Jônia (Ιωνία, em grego) era uma região da costa sudoeste da Anatólia, hoje na Turquia. Ficava entre Mileto e Fócia, e era banhada pelo mar Egeu. Cfr. <http://pt.wikipedia.org/wiki/J%C3%B4nia>. Acesso em 09 de setembro de 2013.

se a muitos estudos, dentre eles à *Ética*. Nesse campo, escreveu a obra *Ética a Nicômaco*, dedicada ao filho, sobre a qual nos debruçaremos.

A obra é composta de dez pequenos livros, nos quais o autor assume o papel pedagógico de um pai preocupado com a educação de seu filho e, acima de tudo, com a sua felicidade. O tema central da filosofia ética de Aristóteles é a felicidade, pois, para ele, esta é a finalidade última do ser humano.

Ao longo dos dez livros, Aristóteles escreve sobre conceitos que estão relacionados com a felicidade, tais como: amizade, amor, liberdade, justiça, bondade, entre outros. Chama a atenção a valorização dada ao tema da amizade. Para ele, a amizade é um caminho para a felicidade e precisa de reciprocidade, ou seja, o sentimento deve existir de ambas as partes e, além disso, não é uma coisa que acontece da noite para o dia, mas é fruto de uma vida inteira. Por isso, da mesma forma que não se constrói uma amizade de ontem para hoje, a felicidade é a mesma coisa, ou seja, ambas são obras de uma vida inteira.

Diferentemente de seu mestre Platão, Aristóteles dissocia completamente o *eros-philia*. Para ele há incompatibilidade definitiva entre ambos, que permanecerá constante em seus estudos sobre amizade<sup>12</sup>. Para ele *eros*<sup>13</sup> (amor) é visto como um elemento estranho, perturbador da alma, ridículo no seu desejo de reciprocidade, ocupando o amante com as coisas, ou partes, mais baixas de sua alma e, ao mesmo tempo, distraindo a atenção de suas faculdades superiores, só verdadeiramente encontradas na *philia*<sup>14</sup> (amizade): obra prima da razão. Com isso, a amizade sai da passividade platônica e se reinventa como uma atividade filosófica, pois Aristóteles não considerava *Eros* um impulso filosófico<sup>15</sup>.

<sup>12</sup> Assim como para os Estoicos e Epicuristas.

<sup>13</sup> O *éros de Eros* (ἔρως) significa a palavra grega moderna “erotas” com a sua significante de “o amor (romântico)”. Entretanto, o Eros não tem que ser de natureza sexual. O Eros pode ser interpretado como um amor para alguém que você ama mais do que o amor de Philos da amizade. Pode também aplicar-se a datar relacionamentos bem como a união. Platão refina a sua própria definição. Embora o Eros seja sentido inicialmente para uma pessoa, com contemplação transforma-se numa apreciação da beleza dentro dessa pessoa, ou transforma-se mesmo na apreciação da beleza própria. Deve-se anotar que Platão não conversa da atração física como uma parte necessária do amor, daqui o uso da palavra – *platônico* - significar “sem atração física”. Para Platão o Eros também ajuda ao conhecimento da recordação da beleza da alma, e contribui para a compreensão da verdade espiritual. Os amantes e os filósofos todos são inspirados a procurar a verdade pelo eros. O trabalho antigo e mais famoso sobre o assunto é de Platão o Simpósio, é uma discussão entre os estudantes de Socrates sobre a natureza de Eros.

Cfr. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Palavras\\_gregas\\_para\\_o\\_amor](http://pt.wikipedia.org/wiki/Palavras_gregas_para_o_amor). Acesso em 09 de setembro de 2013.

<sup>14</sup> A *philos de Philia* (φιλία), amizade no grego moderno, um amor virtuoso desapaixonado, era um conceito desenvolvido por Aristóteles. Inclui a lealdade aos amigos, à família e à comunidade, e requer a virtude, a igualdade e a familiaridade. Em textos antigos, a *philia* denota um tipo de amor global, usado como amor entre a família, entre amigos, um desejo ou a apreciação de uma atividade, bem como entre amantes. Esta é a única outra palavra para o “amor” usada nos textos antigos dos Novo Testamento além de *ágape*, mas uniforme é usado substancialmente menos.

Cfr. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Palavras\\_gregas\\_para\\_o\\_amor](http://pt.wikipedia.org/wiki/Palavras_gregas_para_o_amor). Acesso em 09 de setembro de 2013..

<sup>15</sup> *Ética a Nicômaco* 1157b, 30 - Parece que o amor (eros) é um sentimento e a amizade (philia) é uma disposição de caráter; com efeito, pode-se sentir amor até pelas coisas inanimadas, mas o amor mútuo envolve escolha, e a escolha origina-se de uma disposição de caráter. Ademais, os homens desejam bem àqueles a quem amam por eles mesmos, e não em razão de um sentimento, mas de uma disposição de caráter (*EN* 1157b, 30).

Aristóteles afasta todo elemento erótico da amizade. Assim ele classifica o *eros* entre as faculdades mais baixas da alma, é a louca da casa, uma besta indomável que tem que ser dominada pelas faculdades superiores, a fim de evitar que ela venha a dominar a alma. Já à *philia* ele atribui uma atitude moral e intelectual, que visa o amor recíproco entre os amigos, baseada no livre arbítrio, onde um deseja sempre o bem do outro. Com essa dissociação ele afasta, a qualquer custo, a possibilidade de mau uso do *eros*.

Sendo assim, notamos que a *philia* é um afeto fortalecido pelas funções racionais humanas, enquanto o *Eros* é um turbilhão de emoções. Esta *philia*, nos livros VIII e IX da obra *EN*, Aristóteles discorre, de forma sistemática sobre a natureza da amizade, pois segundo ele a *philia* ou é uma virtude ou implica nela. Além disso, a *philia* é extremamente necessária à vida, pois, afirma o filósofo:

Ninguém escolheria viver sem amigos, ainda que dispusesse de todos os outros bens, e até mesmo pensamos que os ricos, os que ocupam altos cargos, e os que detêm o poder são os que mais precisam de amigos; de fato, de que serviria tanta prosperidade sem a oportunidade de fazer o bem, se este se manifesta, sobretudo, e em sua mais louvável forma em relação aos amigos? (*EN* 1155a, 5)

Aristóteles classifica a *philia* em três tipos distintos. Essas espécies de amizade fazem referência às qualidades que as fundamentam, que são: a) a amizade segundo o prazer, b) a amizade segundo a utilidade e c) a amizade segundo a virtude, ou a amizade perfeita.

Aqueles que fundamentam sua **amizade sobre o prazer** o fazem por causa daquilo que é agradável em um para o outro. Pessoas espirituosas, por exemplo, têm muitas amizades não por causa do seu caráter, mas sim devido ao prazer que podem proporcionar umas às outras embora mediante este tipo de amizade os espirituosos também de beneficiem, e vice-versa.

A **amizade segundo a utilidade** é estabelecida pelo bem que uma pessoa pode receber da outra. Mais uma vez, as pessoas envolvidas neste tipo de relação não se amam por causa do seu caráter, mas sim devido a uma utilidade recíproca.

As pessoas, porém, que permutam não o prazer, mas interesses, sua amizade são menos amigas de verdade e menos constantes. As que são amigas por interesse separam-se quando o proveito está acabando, pois elas não eram amigas uma da outra, e sim do proveito.

Já a **amizade segundo a virtude** só pode se estabelecer entre os homens que são “bons e semelhantes na virtude, pois tais pessoas desejam o bem um ao outro de modo idêntico, e são bons em si mesmos.”<sup>16</sup>. Como esses homens são raros, amizades assim também são raras; Ela, A amizade segundo a virtude, é a que mais se assemelha à verdadeira amizade cristã.

---

<sup>16</sup> *EN* 1156b, 5

Tanto a amizade segundo o prazer quanto a amizade segundo a utilidade são geralmente efêmeras, passageiras, se desfazendo facilmente. Isso ocorre quase sempre se uma das partes não permanece como era no início da amizade, isto é, se deixa de ser útil ou agradável. Por essa razão, “quando desaparece o motivo da amizade, esta se desfaz, pois existia apenas como um meio para se chegar a um fim”<sup>17</sup>.

Mas, a amizade segundo a virtude, para Aristóteles, é perfeita “tanto no que se refere à duração quanto a todos os outros aspectos, e nela cada um recebe do outro, em todos os sentidos, o mesmo que dá, ou algo de semelhante”<sup>18</sup>. Nesse tipo de amizade, as pessoas querem o bem uma da outra. Esses homens que são assim amigos buscam verdadeiramente o bem do seu semelhante, e isso pelo simples fato de serem bons. Eles “serão amigos por si mesmos, isto é, por causa de sua bondade”<sup>19</sup>.

Os homens maus têm amizades apenas segundo o prazer ou a utilidade, nunca podendo ter uma relação virtuosa, ou uma amizade perfeita. No entanto, os homens bons, por sua vez, podem estabelecer relações segundo o prazer ou a utilidade, assim como os maus. Mas apenas os bons podem estabelecer uma amizade segundo a virtude. Nesse sentido, fica clara a correspondência entre ética e amizade.

### **A amizade na visão de outros filósofos**

Outros eloquentes filósofos corroboram com Aristóteles, quanto à amizade segundo a virtude como, por exemplo, Cícero<sup>20</sup>, que atesta: “todos julgam que de modo nenhum há vida sem amizade, ao menos os que queiram viver dignamente”. (CÍCERO, DA, 86. pág. 71). Esse mesmo autor acrescenta, citando Arquitas de Tarento<sup>21</sup>:

Foi, pois, verdade o que disse Arquitas de Tarento, que repetia, segundo os anciãos de nossa época que o tinham ouvido falar a outros anciãos: 'Se um dia alguém subisse ao céu para contemplar o universo inteiro e a beleza das estrelas, aquele espetáculo lhe seria desagradável se não tivesse alguém a quem contar as maravilhas vistas'. Assim a natureza não ama a solidão e sempre procura, por

<sup>17</sup> EN 1156a, 20

<sup>18</sup> EN 1156b, 30

<sup>19</sup> EN 1157a, 15

<sup>20</sup> Marco Túlio Cícero, em latim *Marcus Tullius Cicero* (Arpino, 3 de Janeiro de 106 a.C. — Formia, 7 de Dezembro de 43 a.C.), foi um filósofo, orador, escritor, advogado e político romano. Cfr. <http://pt.wikipedia.org/wiki/C%C3%ADcero>. Acesso em 6 de outubro de 2013.

<sup>21</sup> Arquitas de Tarento (em grego antigo: Ἀρχίτας ο Ταραντίνο; 428 a.C. - 347 a.C.) foi um filósofo, cientista, estratega, estadista, matemático e astrônomo grego, considerado o mais ilustre dos matemáticos pitagóricos. Acredita-se ter sido discípulo de Filolau de Crotona e foi amigo de Platão. Fundou a mecânica matemática e influenciou Euclides. Foi o primeiro a usar o cubo em geometria e a restringir as matemáticas às disciplinas técnicas como a geometria, aritmética, astronomia e acústica. Embora inúmeras obras sobre mecânica e geometria lhe sejam atribuídas, restaram apenas fragmentos cuja preocupação central é a Matemática e a Música.

Cfr. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitas\\_de\\_Tarento](http://pt.wikipedia.org/wiki/Arquitas_de_Tarento) — Acesso em 6 de outubro de 2013.

assim dizer, um apoio - e o amigo íntimo lhe oferece o mais doce dos apoios (DA, 88. pág. 72).

O mesmo Cícero acrescenta:

É a virtude que promove e conserva a amizade. Pois é nela que está a harmonia das coisas, nela está a estabilidade, nela está a constância: quando se revela mostrando seu esplendor e reconhece o mesmo em outro, move-se na sua direção, acolhendo-o. Desse modo, acende-se a chama do amor ou amizade, pois ambos os nomes derivam do verbo amar, e amar nada mais é que experimentar afeição por aquele que se ama, sem consideração de necessidades ou proveitos (embora na amizade os proveitos sejam grandes, ainda que não os busquemos) (DA, 100. pág. 81).

Pedro Abelardo<sup>22</sup>, a exemplo de Aristóteles, também deixa ensinamentos sobre a amizade a seu único filho Astrolábio, fruto de uma relação sem casamento com Heloísa. Para ele "Um amigo verdadeiro vale mais do que qualquer dom de Deus, deve preferir-se a todas as riquezas." e acrescentava: "Ninguém será pobre se possuir um tesouro semelhante que é tanto mais valioso, quanto mais raro" <sup>23</sup>.

Sêneca<sup>24</sup>, outro eloquente filósofo, corrobora com o pensamento dos filósofos anteriores em muitos pontos e nos apresenta o quão importante a amizade era vista e, sobretudo, vivenciada em seu tempo. Sobre este tema ele assim se expressa: "Entre aquele que procurou um amigo para si e aquele que o procura há a mesma diferença que existe entre o agricultor que colhe o grão e aquele que o semeia". (SÊNECA, A&F, Capítulo 6, pág. 86). Ele mesmo acrescenta:

Quem pensa apenas no seu interesse e para isso procura fazer amizades, está no caminho errado, e tal como começou; assim também vai acabar: se ele procurou um amigo que o ajudasse a livrar-se das correntes, este logo que ouvir o barulho das correntes caindo, vai dar no pé. Assim são as amizades que o povo classifica conforme à oportunidade: quem foi acolhido como amigo por interesse, conseguirá ser aceito até que a sua presença for útil. Por isso, amigos em grande número estão ao redor dos homens afortunados, ao passo que ao redor dos infelizes se forma um deserto. Os amigos de fato, afastam-se do lugar onde são postos à prova; na verdade, quantos exemplos há de homens criminosos que por medo abandonam ou traem o amigo! Necessariamente o começo e o fim se correspondem. Quem começou a ser amigo por conveniência, por conveniência deixará de sê-lo; ninguém vai recusar

<sup>22</sup> Pedro Abelardo (ou *Pierre Abélard* ou *Pierre Abailard* ou *Pierre Abeilard* ou *Petrus Abælardus*) (Le Pallet próximo de Nantes, Bretanha, 1079 — Chalons-sur-Saône, 21 de abril de 1142) foi um filósofo escolástico francês, um teólogo e grande lógico. Ficou conhecido do público por sua vida pessoal e o relacionamento com Heloísa, de que fala em sua *História das Minhas Calamidades*.

Cfr. [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro\\_Abelardo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_Abelardo). Acesso em 6 de outubro de 2013.

<sup>23</sup> A&F, Capítulo 6, pág. 91

<sup>24</sup> Lúcio Aneu Sêneca (em latim: *Lucius Annaeus Seneca*; Corduba, 4 a.C. — Roma, 65) foi um dos mais célebres advogados, escritores e intelectuais do Império Romano. Conhecido também como o Moço, o Filósofo, ou ainda, o Jovem, sua obra literária e filosófica, tida como modelo do pensador estoico durante o Renascimento, inspirou o desenvolvimento da tragédia na dramaturgia europeia renascentista. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A9neca>. Acesso em 6/10/2013.

uma vantagem que seja prejudicial à amizade, se além da mesma se busca uma vantagem qualquer. "Para qual finalidade", então, poderás perguntar-me, "tu procuras um amigo para ti? Para ter uma pessoa pela qual eu posso morrer, uma pessoa que eu possa acompanhar no exílio, que, no perigo de morte, eu possa salvar, oferecendo e sacrificando a minha própria vida."<sup>25</sup>

Pudemos notar na exposição dos filósofos, acima citados, que o pensamento sobre a Amizade em muito se assemelha com o pensamento de Aristóteles e, de certa forma, seguem o mesmo viés do pensamento Aristotélico. Isto, a meu ver, cria de certa maneira um norte filosófico para a Amizade. Norte este que procuramos seguir.

### **Voltando ao pensamento Aristotélico**

Retornando ao pensamento Aristotélico, deixamos claro que não temos a intenção, neste capítulo, que nos traz um *Olhar Filosófico*, de dissecarmos o que foi escrito em *Ética a Nicômaco* sobre Amizade, nem tampouco esgotar o assunto Amizade em Aristóteles. Nosso intuito é dar uma base ao leitor para que possa fazer, ao término da leitura do capítulo seguinte, uma analogia sobre a relação entre o aspecto teológico cristão da amizade.

Entretanto, podemos antecipadamente atestar, apenas com este olhar filosófico, que só com palavras não somos capazes de tornar uma pessoa boa, de tornar uma pessoa amiga ou não. A experiência é fundamental, ela nos capacita ao bem, ou não. Os atos humanos, as inclinações de sua índole podem encaminhar uma pessoa a agir bem, a praticar as virtudes, mas, para muitos, soam vazias, sem resultados.

Algumas pessoas agem com os princípios éticos mais por medo de punições, por medo de transgredir regras, do que por amor ao bem e por conhecimento dele. Outras vivem voltadas apenas aos desejos momentâneos, seguindo pelos impulsos de suas emoções e instintos. Estes tendem a não desenvolver o autoconhecimento crítico, que conduza a uma vida mais livre, mais feliz e mais plena. *"Saber o que é a excelência moral e a intelectual não é o bastante; devemos esforçar-nos por possuímos e praticá-las, ou experimentar qualquer outro meio existente para nos tornarmos bons"* <sup>26</sup>. Afinal, *"afirmamos que a finalidade suprema é o principal empenho desta ciência é infundir um certo caráter nos cidadãos - por exemplo torná-los bons e capazes de praticar boas ações"* <sup>27</sup>.

A amizade predispõe o caráter ao bem por meio de bons hábitos na relação com o outro, uma vez que implica reconhecimento da reciprocidade, na medida em que o amigo é outro eu, e elemento essencial para o próprio autoconhecimento. Como os homens não são intrinsecamente iguais, a igualdade por meio da amizade termina por revelar a excelência dos melhores.

É preciso ter bem presente que a amizade exige como condição fundamental a reciprocidade. Não há como ser amigo de quem, de sua parte, não corresponde. Nisto a amizade se difere em muito do amor. Pode-se perfeitamente amar alguém

<sup>25</sup> A&F, Capítulo 5, pág. 87.

<sup>26</sup> EN, X, 8, 1179 a.

<sup>27</sup> EN, I, 9, 1099.

sem que esta pessoa saiba, contudo é impossível ser amigo de alguém sem que esta pessoa tenha consciência disso. E mesmo que desenvolvamos uma amizade segundo a virtude pode ocorrer que tiremos vantagem disso, uma vez que é comum, entre amigos, partilharem os bens entre si, mas não que este seja o "bem" desejado. O viés principal da amizade segundo a virtude é, e sempre será a própria amizade em si, sem adereços ou subterfúgios.

Na amizade como virtude para Aristóteles, toda ação humana está orientada para a execução de algum bem, ao qual estão unidos o bem e a felicidade; o bem possui o caráter de causa final, que age sobre o agente. Mas há uma dificuldade em determinar em que consiste esse bem e essa felicidade, já que não há a identificação do sumo bem do homem com Deus, a ele corresponde o bem mais alto em si mesmo.

Assim, concluímos este capítulo certos de que, segundo Aristóteles, a amizade como virtude é soberana em relação às demais amizades - segundo o prazer e segundo a utilidade -, pois é a única que não solicita a justiça, pois a amizade em si é justa. A participação entre amigos nos proporciona ensinamentos e aprendizados e, conseqüentemente, o desenvolvimento e a evolução de todas as potencialidades humanas.

A amizade torna-se assim necessária para que o homem realize e se realize como indivíduo e socialmente. Sem amizade não se é feliz, nem se tem justiça. É sobre o tripé - amizade, justiça, felicidade - que se baseia a tríade comunitária concebida por Aristóteles, mas sentimos falta da sublime ligação do homem com Deus, exemplo mais puro da amizade (amor) virtude.

## **Um olhar teológico**

### ***A Amizade na Bíblia e no Catecismo da Igreja Católica***

De um modo geral a Bíblia reconhece a importância da amizade verdadeira e não poupa palavras para enaltece-la. Vemos claramente no Antigo Testamento uma forte intenção de Deus em ter amizade com o homem, e no Novo Testamento a possibilidade do homem de amizade com Deus, através de seu filho encarnado. Uma amizade são duas vidas unidas no amor e vividas como se fosse uma só. Entretanto, amizade no Senhor não são nunca duas pessoas fechadas em si mesmas.

Cada um dos amigos está plenamente aberto para o Senhor e aberto para os outros amigos, de tal maneira que a amizade sempre faz parte de uma comunidade mais ampla. A comunidade cristã é um grupamento de muitas amizades unidas em si. O Catecismo a Igreja Católica Apostólica Romana assim descreve a Amizade: "O primeiro homem não só foi criado bom, como também foi constituído num estado de Amizade com o seu Criador, e de harmonia consigo mesmo e com a Criação que o rodeava; ter amizade e harmonia tais, que só serão ultrapassadas pela glória da nova criação em Cristo"<sup>28</sup>.

---

<sup>28</sup> CIC 374

"Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou" (Gn 1,27). O homem ocupa um lugar único na criação: ele é "a imagem de Deus" (I); em sua própria natureza une o mundo espiritual e o mundo material (II); é criado "homem e mulher" (III); Deus o estabeleceu em sua amizade (IV). CIC nº 355.

A revelação dá-nos a conhecer o estado de santidade e de justiça originais do homem e da mulher antes do pecado: da amizade deles com Deus advinha a felicidade da existência deles no Paraíso. CIC nº 384.

Deus criou o homem à sua imagem e o constituiu em sua amizade. Criatura espiritual, o homem só pode viver esta amizade como livre submissão a Deus. E o que exprime a proibição, feita ao homem, de comer da árvore do conhecimento do bem e do mal, "pois, no dia em que dela comeres, terás de morrer" (Gn 2,17). "A árvore do conhecimento do bem e do mal" (Gn 2,17) evoca simbolicamente o limite intransponível que o homem, como criatura, deve livremente reconhecer e respeitar com confiança. O homem depende do Criador, está submetido às leis da criação e às normas morais que regem o uso da liberdade. CIC nº 396.

Esta amizade sofreu solução de continuidade devido ao pecado original, mas Deus não abandonou sua criação, dado seu amor pela humanidade Deus continuou a guiar seu povo pela revelação, seja no antigo testamento, seja no novo testamento, rumo à perfeita união do criador com a criatura, e sua consecutiva remissão dos pecados pelo Cristo Ressuscitado.

Esta Revelação não foi interrompida pelo pecado de nossos primeiros pais. Deus, com efeito, "após a queda destes, com a prometida redenção, alentou-os a esperar uma salvação e velou permanentemente pelo gênero humano, a fim de dar a vida eterna a todos aqueles que, pela perseverança na prática do bem, procuram a salvação". E quando pela desobediência perderam vossa amizade, não os abandonastes ao poder da morte. (...) Oferecestes muitas vezes aliança aos homens e às mulheres. CIC nº 55

Deus manifesta sua onipotência convertendo-nos dos nossos pecados e restabelecendo-nos em sua amizade pela graça ("*Deus, qui omnipotentiam tuam parcendo maxime et miserando manifestas...*" - O Deus, que manifestais o vosso poder sobretudo na misericórdia.". CIC nº 277

### **A Amizade de Deus e Abraão**

O 'abre alas' da Amizade na Bíblia está na referência do livro do Profeta Isaías: "*Mas tu, Israel, meu servo, Jacó que escolhi raça de Abraão, meu amigo*". (Is 41,8) Aqui vemos Deus se referir a Abraão com o termo "*meu amigo*", não o trata como servo nem eleito, mas amigo acrescido do pronome possessivo "meu". Assim temos Abraão Amigo de Deus: amizade construída por uma relação de confiança mútua, de igualdade de objetivos (libertar o povo), de respeito e interação.

Deus demonstra sua solicitude ao pobre Abraão, se vendo amigo do onipotente, que lhe anima e ao mesmo tempo o conforta: *“Nada temas, Abrão! Eu sou o teu protetor; tua recompensa será muito grande.”* (Gn 15,1). Não é de pronto que Abraão entende o que se passa, mas solícito, como quem corteja um futuro amigo, manifesta sua Amizade através do serviço e de Deus recebe sua primeira recompensa:

O Senhor apareceu a Abraão nos carvalhos de Mambré, quando ele estava assentado à entrada de sua tenda, no maior calor do dia. Abraão levantou os olhos e viu três homens de pé diante dele. Levantou-se no mesmo instante da entrada de sua tenda, veio-lhes ao encontro e prostrou-se por terra. “Meus senhores, disse ele, se encontrei graça diante de vossos olhos, não passeis avante sem vos deterdes em casa de vosso servo. Vou buscar um pouco de água para vos lavar os pés. Descansai um pouco sob esta árvore. Eu vos trarei um pouco de pão, e assim restaurareis as vossas forças para prosseguirdes o vosso caminho; porque é para isso que passastes perto de vosso servo.” Eles responderam: “Faze como disseste.” Abraão foi depressa à tenda de Sara: “Depressa, disse ele, amassa três medidas de farinha e coze pães.” Correu em seguida ao rebanho, escolheu um novilho tenro e bom, e deu-o a um criado que o preparou logo. Tomou manteiga e leite e serviu aos peregrinos juntamente com o novilho preparado, conservando-se de pé junto deles, sob a árvore, enquanto comiam. E disseram-lhe: “Onde está Sara, tua mulher?” “Ela está na tenda”, respondeu ele. E ele disse-lhe: “Voltarei à tua casa dentro de um ano, a esta época; e Sara, tua mulher, terá um filho.”<sup>29</sup>

Deus demonstra sua amizade por Abraão em dois momentos:

**Quando avisou a Abraão o que faria com Sodoma e Gomorra:** Os homens levantaram-se e partiram na direção de Sodoma, e Abraão os ia acompanhando. O Senhor disse então: “Acaso poderei ocultar a Abraão o que vou fazer? Pois que Abraão deve tornar-se uma nação grande e poderosa, e todos os povos da terra serão benditos nele. Eu o escolhi para que ele ordene aos seus filhos e à sua casa depois dele, que guardem os caminhos do Senhor, praticando a justiça e a retidão, para que o Senhor cumpra em seu favor as promessas que lhe fez.” O Senhor ajuntou: “É imenso o clamor que se eleva de Sodoma e Gomorra, e o seu pecado é muito grande. Eu vou descer para ver se as suas obras correspondem realmente ao clamor que chega até mim; se assim não for, eu o saberei.” Os homens partiram, pois, na direção de Sodoma, enquanto Abraão ficou em presença do Senhor<sup>30</sup>.

**Quanto restaura uma fonte d'água:** Chegaram a Mara, onde não puderam beber de sua água, porque era amarga, de onde o nome de Mara que deram a esse lugar. Então o povo murmurou contra Moisés: “Que havemos de beber?” Moisés clamou ao Senhor, e o Senhor indicou-lhe um madeiro que ele jogou na água. E esta tornou-

---

<sup>29</sup> Gn 15,1-10

<sup>30</sup> Gn 18,16-22

se doce. Foi nesse lugar que o Senhor deu ao povo preceitos e leis, e ali o provou.<sup>31</sup>

Como exposto acima, a cada momento de sofrimento, a cada cobrança dos Israelitas, Deus age protegendo Abraão, seu amigo.

### **A Amizade de Deus e Moisés**

Moisés<sup>32</sup> também teve sua relação de Amizade com Deus. Podemos vê-la registrada no livro do Êxodo:

Moisés foi levantar a tenda a alguma distância fora do acampamento. (E chamou-a tenda de reunião.) Quem queria consultar o Senhor, dirigia-se à tenda de reunião, fora do acampamento. Quando Moisés se dirigia para a tenda, todo mundo se levantava, cada um diante da entrada de sua tenda, para segui-lo com os olhos até que entrasse na tenda. E logo que ele acabava de entrar, a coluna de nuvem descia e se punha à entrada da tenda, e o Senhor se entretinha com Moisés. À vista da coluna de nuvem, todo o povo, em pé à entrada de suas tendas, se prostrava no mesmo lugar. O Senhor se entretinha com Moisés face a face, como um homem fala com seu amigo.<sup>33</sup>

Da mesma forma que Abrão, vemos Moisés falando com Deus face a face, numa experiência mística, num encontro entre Amigos. Deus desce de sua grandeza e se faz entender, se revela aos homens utilizando-se de um seu amigo. A grandeza de Deus torna-se assim palpável graças a esta relação amigável, que facilita a aproximação e sobretudo colabora na compreensão. Vejamos abaixo, dois momentos em que Deus demonstra sua amizade por Moisés:

**Quando faz chover o maná:** Toda a assembléia dos israelitas pôs-se a murmurar contra Moisés e Aarão no deserto. Disseram-lhes: "Oxalá tivéssemos sido mortos pela mão do Senhor no Egito, quando nos assentávamos diante das panelas de carne e tínhamos pão em abundância! Vós nos conduzistes a este deserto, para matardes de fome toda esta multidão." O Senhor disse a Moisés: "Vou fazer chover pão do alto do céu. Sairá o povo e colherá diariamente a porção de cada dia. Pô-lo-ei desse modo à prova, para ver se andarás ou não segundo minhas ordens."<sup>34</sup>

**Quando instituiu o decálogo:** A Aliança e o diálogo entre Deus e o homem são ainda confirmados pelo fato de que todas as obrigações são enunciadas na primeira pessoa ("Eu sou o Senhor...") e dirigidas a um outro sujeito ("tu...") Em todos os mandamentos de Deus, é um pronome pessoal singular que designa o destinatário. Deus dá a conhecer sua vontade a cada um em particular, ao mesmo tempo que o faz ao povo inteiro: O Senhor prescreveu o amor para com Deus e ensinou a justiça para com o próximo, a fim de que o homem

---

<sup>31</sup> Ex 15,22-25

<sup>32</sup> Cujo nome denomina: "retirado das águas"

<sup>33</sup> Ex 33,7-11

<sup>34</sup> Ex. 16,2-4

não fosse nem injusto nem indigno de Deus. Assim, pelo Decálogo, Deus preparou o homem para se tornar seu amigo e ter um só coração com o próximo... Da mesma maneira, as palavras do Decálogo continuam válidas entre nós [cristãos]. Longe de serem abolidas elas cresceram e se desenvolveram pelo fato da vinda do Senhor na carne.<sup>35</sup>

Na relação de amizade que Deus mantinha com Moisés: "o Senhor se entretinha com Moisés face a face, como um homem fala com seu amigo."<sup>36</sup> Sentimos entre Deus e Moisés uma grande intimidade, uma intimidade desprezenciosa que não existe em nenhum outro tipo de relacionamento, pois na amizade o bem pode ser experimentado e cultivado de forma verdadeira. Embora demonstre autoridade, é uma relação de estrita amizade, de confiança mútua.

"Deus falava com Moisés face a face, como um homem fala com outro" (Ex 33,11). A oração de Moisés é típica da oração contemplativa graças à qual o servo de Deus é fiel à sua missão. Moisés "conversa" muitas vezes e longamente com o Senhor, subindo à montanha para ouvi-lo e implorá-lo, e descendo ao povo para lhe repetir as palavras de seu Deus e guiá-lo. "Toda minha casa lhe está confiada. Falo-lhe face a face, claramente e não em enigmas" (Nm 12,7-8), pois "Moisés era um homem muito humilde, o mais humilde dos homens que havia na terra" (Nm 12,3)<sup>37</sup>.

### **A Amizade no Antigo Testamento**

Em hebraico amigo se escreve "réa". Na Bíblia sempre se apresenta o amigo como alguém que "*amamos como a nós mesmos*" Dt (13,7); "*alguém mais próximo de ti que um irmão*" Pr 13,7. O Eclesiástico (6,14-16) acrescenta:

Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro. Nada é comparável a um amigo fiel, o ouro e a prata não merecem ser postos em paralelo com a sinceridade de sua fé. Um amigo fiel é um remédio de vida e imortalidade; quem teme ao Senhor, achará esse amigo.

Assim, através da sabedoria bíblica podemos mergulhar no perfil teológico-cristão da amizade, em paralelo ao que vimos no capítulo anterior, "Um Olhar Filosófico", e vemos como a Teologia Cristã, no que toca a Amizade está eivada de princípios Filosóficos e Teológicos que comumente atesta a importância que a amizade tem na vida do homem. Esta importância perpassa, sobretudo, pela necessidade humana de não isolar-se, de primar por uma vida em comunidade.

O Catecismo da Igreja Católica, em seu artigo 374, assim se expressa sobre a amizade do homem com seu Criador:

O primeiro homem não só foi criado bom, como também foi constituído num estado de Amizade com o seu Criador, e de harmonia consigo mesmo e com a Criação que o rodeava; amizade e

---

<sup>35</sup> CIC 2063

<sup>36</sup> Ex 33,11

<sup>37</sup> CIC 2576

harmonia tais, que só serão ultrapassadas pela glória da nova criação em Cristo.

Outras relações de amizade no Antigo Testamento se dão entre pessoas como os casos de Rute e Noemi; Jônatas e Davi; Davi e Berzelai; Eliseu e a sunamita; e os exemplos ilustrativos dos amigos de Jó. Todas estas relações de amizade são caracterizadas por uma profunda necessidade do outro, vejamos por exemplo como Rute jura amizade a Noemi:

Não insistas comigo, respondeu Rute, para que eu te deixe e me vá longe de ti. Aonde fores, eu irei; aonde habitares, eu habitarei. O teu povo é meu povo, e o teu Deus, meu Deus. Na terra em que morreres, quero também eu morrer e aí ser sepultada. O Senhor trate-me com todo o rigor, se outra coisa, a não ser a morte, me separar de ti!<sup>38</sup>.

Esta cumplicidade demonstrada por Rute, este querer bem, esta complementariedade também se manifestam em outras célebres amizades como, por exemplo, a de Jônatas e Davi: "... a alma de Jônatas apegou-se à alma de Davi, e Jônatas começou a amá-lo como a si mesmo." (1Sm 18,1). Tais manifestações de apreço que nem a distância (Rute e Noemi), nem a morte (Jônatas e Davi) foram capazes de apagar demonstram o quanto a amizade alcança o interior de cada indivíduo de maneira plena, de maneira unívoca. Só nesta dimensão podemos compreender a definição do livro de Provérbios para a Amizade: "*alguém mais próximo de ti que um irmão*"<sup>39</sup>.

O Catecismo da Igreja Católica assim se refere sobre o tema "*Deus amigo do homem*", em seu artigo nº 2063:

A Aliança e o diálogo entre Deus e o homem são ainda confirmados pelo fato de que todas as obrigações são enunciadas na primeira pessoa ("Eu sou o Senhor...") e dirigidas a um outro sujeito ("tu...") Em todos os mandamentos de Deus, é um pronome pessoal singular que designa o destinatário. Deus dá a conhecer sua vontade a cada um em particular, ao mesmo tempo que o faz ao povo inteiro: O Senhor prescreveu o amor para com Deus e ensinou a justiça para com o próximo, a fim de que o homem não fosse nem injusto nem indigno de Deus. Assim, pelo Decálogo, Deus preparou o homem para se tornar seu amigo e ter um só coração com o próximo...Da mesma maneira, as palavras do Decálogo continuam válidas entre nós [cristãos]. Longe de serem abolidas elas cresceram e se desenvolveram pelo fato da vinda do Senhor na carne.

Da mesma forma que o Antigo Testamento nos evoca às boas amizades, ele nos adverte quanto a má amizade, caracterizando-a em seus diversos tipos. São alguns exemplos de má amizade:

**Amizade interesseira:** A riqueza aumenta o número de amigos, o pobre é abandonado pelo seu [único] companheiro. (Pr 19,4);

<sup>38</sup> Rt 1,16-17

<sup>39</sup> Pv 13,7

**Amizade maliciosa:** O homem generoso possui muitos lisonjeiros: todos se tornam amigos de quem dá. (Pr 19,6);

**Amizade que aconselha mal:** Ouço as invectivas da multidão: Cerca-nos o terror! Denúnciai-o! Vamos denunciá-lo! Os que eram meus amigos espiam-me agora os passos. Se cair em abusos, tiraremos vantagem, e dele nos vingaremos. (Jr 20,10);

**Amizade que comete a traição:** Aquele que dissimula faltas promove amizade; quem as divulga, divide amigos. Pr 17,9.

Assim, Deus que nos deu o exemplo de amizade primeiro, também nos adverte quanto aos possíveis malefícios que uma má amizade pode nos trazer, mostrando-nos que caminho devemos seguir.

### **A Amizade no Novo Testamento**

O Novo Testamento, no que toca a Amizade, não apenas reforça o que nos traz o Antigo Testamento, mas nos apresenta uma nova possibilidade. Enquanto no Antigo Testamento vemos a lisonjeira amizade de Deus com o homem; no Novo Testamento experienciamos a peculiar amizade do homem com Deus, através da possibilidade de o homem conviver com Deus por meio de Jesus, seu filho encarnado.

Por sua Revelação, "o Deus invisível, levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos, e com eles se entretém para os convidar à comunhão consigo e nela os receber". A resposta adequada a este convite é a fé.<sup>40</sup>

A amizade cristã eleva o homem ao patamar de uma amizade relacional com Deus, por intermédio de Jesus, não mais numa manifestação mística, mas numa convivência humana, numa relação interpessoal que extrapolou esta amizade a pessoas não hebraicas: O Filho do Homem vem, come e bebe, e diz: É um comilão e beberrão, amigo dos publicanos e dos devassos. Mas a sabedoria foi justificada por seus filhos. (Mt 11,19).

Jesus demonstra sua peculiar forma de Amizade ao sacrificar-se por seus amigos. Ele não nos trata como servos, embora seja nosso Senhor, ele nos trata como amigos, uma vez que nos torna partícipes do Reino Celeste por meio de seus atos e ensinamentos.

Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos. Vós sois meus amigos, se fazeis o que vos mando. Já não vos chamo servos, porque o servo não sabe o que faz seu senhor. Mas chamei-vos amigos, pois vos dei a conhecer tudo quanto ouvi de meu Pai.<sup>41</sup>

Embora estas palavras tenham sido diretamente dirigidas aos apóstolos na Última Ceia, destinam-se a todos aqueles que creem em Jesus. A todos Ele diz: Já não vos chamo de servos; mas vos chamo de amigos. Quando assim fala, não quer Jesus dizer que não somos seus servos, também não quer dizer que Ele não é o Senhor.

<sup>40</sup> CIC 142

<sup>41</sup> Jo 15,13-15

Ele coloca em destaque a verdadeira natureza de sua condição de Senhor e nos mostra a verdadeira condição de servos. Nós somos servos de seu amor, ministros de sua amizade, continuadores de sua missão de amor e amizade. E tão somente poderemos cumprir essa missão se formos realmente seus amigos e amigos entre nós mesmos.

Da mesma forma que a missão de Jesus é de amor a nossa também o é: *“Assim como o Pai me amou, também eu vos amei. Permanecei em meu amor...”* (Jo 15,9.13)

Jesus é o melhor modelo de amigo fiel, ele torna-se o exemplo a ser copiado e seguido: Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro (Ecl 6,14).

A Nova Lei é também denominada lei de amor, porque ela leva a agir pelo amor infundido pelo Espírito Santo e não pelo temor; uma lei de graça, por conferir a força da graça para agir por meio da fé e dos sacramentos; uma lei de liberdade, pois nos liberta das observâncias rituais e jurídicas da Antiga Lei, nos inclina a agir espontaneamente sob o impulso da caridade, enfim, nos faz passar do estado de servo, não sabe o que seu senhor faz”, para o de amigo de Cristo, “porque tudo o que eu ouvi de meu Pai eu vos dei a conhecer (Jo 15,15), ou ainda para o de filho-herdeiro”<sup>42</sup>.

Jesus mostrou-se nosso amigo revelando-nos todos os segredos de seu coração: *“Eu vos chamo amigos, porque tudo o que ouvi de meu Pai vos dei a conhecer”* (Jo 15,15).

Uma das grandes demonstrações desse modelo de amizade, adotado por Jesus pode ser constatado na amizade entre Ele e uma família de Betânia, na Judéia. Jesus nutria grandes laços de amizade por Maria, Marta e Lázaro, os quais conhecia desde a infância. Podemos sentir claramente no Evangelho de João tal predileção: Jesus “amava Marta e sua Irmã e Lázaro”<sup>43</sup> A casa deles, bem como suas companhias, eram um alento e um refúgio habitual de Jesus em vários momentos de sua vida, inclusive durante sua vida pública: (Lc. 10,38-42; Jo 11,1-46). Entretanto é num momento de grande aflição que sentimos a predileção de Jesus manifestar-se por estes seus amigos, Ele, com certeza, foi o que prescreve a máxima latina “O amigo certo se reconhece na situação incerta” (difícil).<sup>44</sup> Um mal acometeu Lázaro gravemente, e apesar das prescrições dos sangradores<sup>45</sup> seu estado piora rapidamente e um clamor é enviado às pressas a Jesus. Tratava-se de uma mensagem simples, clamando pela cura do amigo, que demonstra intimidade e, sobretudo, a segurança do pronto atendimento: “Senhor, aquele a quem amas está doente”<sup>46</sup>.

---

<sup>42</sup> CIC 1972

<sup>43</sup> Jo 11,5)

<sup>44</sup> DEC *“Amicus certus in re incerta cernitur”*, Cícero cita essa sentença do poeta latino Ênio (Quintus Ennius) no seu *De amicitia* (XVII, 64).

<sup>45</sup> Como eram chamados os Médicos.

<sup>46</sup> Jo 11,3.

Notemos que as irmãs Marta e Maria não solicitam a presença do amigo, elas creem, elas apenas avisam da enfermidade e aguardam a cura. Da parte de Jesus o recebimento da notícia revela grande interesse, como a refletir as palavras dos Provérbios *“Há amigos mais queridos do que um irmão”*. Ele mesmo acrescenta: *“Essa doença não é mortal, mas para a glória de Deus, para que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus”*.<sup>47</sup> O desejo de Jesus ter com eles na Judéia foi contido por dois dias, embora os discípulos fossem contra, devido o risco preeminente de seu apedrejamento. Tal ida a Judéia culmina com o reavivamento de Lázaro que além de trazer ampla satisfação a seus amigos, manifesta como fora dito a glória do Filho de Deus.<sup>48</sup>

Em outra demonstração de amizade de Jesus podemos constatar em sua relação com Pedro. Amizade incondicional apesar dos deslizes e incertezas demonstradas pelo amigo. Afinal Pedro duvida do senhor ao andar sobre as águas<sup>49</sup>; o nega três vezes<sup>50</sup> e sobretudo tem dúvidas no momento que lhe é proposto *“Apascentar suas Ovelhas”*<sup>51</sup>. Podemos constatar nesta relação de amizade uma grande paciência, compreensão, aceitação das limitações e, sobretudo incredulidade do outro, mas num espírito de abertura, de acolhimento de credulidade da parte de Jesus, numa demonstração de amizade incondicional, apesar de nossas imperfeições.

Vemos assim, como atesta o CIC em seu Cânone 1395: *“Quanto mais participarmos da vida de Cristo e quanto mais progredirmos em sua amizade, tanto mais difícil de Ele separar-nos pelo pecado mortal.”*, afinal o Senhor ao abraçar em seu coração humano o amor do Pai pelos homens, Jesus *“amou-os até o fim”*<sup>52</sup> *“pois ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos”*.<sup>53</sup>

O Catecismo da Igreja Católica, acrescenta em seu artigo nº 609:

Ao abraçar em seu coração humano o amor do Pai pelos homens, Jesus *“amou-os até o fim”* (Jo 13,11), (...) Assim, no sofrimento e na morte, sua humanidade se tornou o instrumento livre e perfeito de seu amor divino, que quer a salvação dos homens. Com efeito, aceitou livremente sua Paixão e sua Morte por amor de seu Pai e dos homens, que o Pai quer salvar: *“Ninguém me tira a vida, mas eu a dou livremente”* (Jo 10,18). Daí a liberdade soberana do Filho de Deus quando Ele mesmo vai ao encontro da morte.

## Conclusão

Nas passagens citadas anteriormente, sejam do Antigo, sejam do Novo testamento, vimos que Deus se fez amigo de homens e os homens, por meio de Jesus, se

---

<sup>47</sup> Jo 11,4

<sup>48</sup> Jo 11,15-43

<sup>49</sup> Mt 14,26

<sup>50</sup> Jo 18,27

<sup>51</sup> Jo 21,15-17

<sup>52</sup> Jo 13,11

<sup>53</sup> Jo 15,13

fizeram amigos de Deus. Estas relações de amizade nos motivam a, seguindo seu divino exemplo, termos relações de amizade: *“Ele não nos criou para vivermos isolado”* (Gn 2,18).

É no ombro amigo que encontramos uma rocha para onde nos dirigirmos quando precisamos de apoio, a presença dos amigos é a certeza de não estarmos sozinhos diante das dificuldades (Ecl 4,9-12). Vemos que na amizade aprendemos o mútuo respeito, o ser transparente, o ser verdadeiro, o não ter segredos um para com o outro, o dar e saber receber sem interesses (Pr 19,4). O amigo sabe dos nossos defeitos e de nossas qualidades. E o que o faz diferente dos demais é que ele acolhe ao outro do jeito que é, e sabe esperar o seu tempo: o tempo de crescimento, o tempo de amadurecimento o tempo de transformação.

Quem não sabe esperar, dificilmente sabe ser amigo. Pois o amigo é a "fração do tempo" que parou exclusivamente para nós. E ele sabe ser "exclusivo" sem se fechar a outras relações. Pois o verdadeiro amigo nos abre e incentiva a outras amizades. É nas diferenças que os amigos se fazem semelhantes a nós. E devemos saber nos relacionar com o diferente, pois é assim que compartilhamos as nossas riquezas. *"Um amigo fiel é uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro"*<sup>54</sup>.

Ainda que o Evangelho de Cristo não seja unicamente de palavras, mas o próprio amor e amizade que ele nos traz do Pai através de Sua pessoa, entretanto Ele expressou esse amor também em palavras. Como servos desse amor, devemos permanecer neste amor que servimos. Porque somos ministros do próprio amor do Senhor para com o seu povo. Devemos pertencer a este Senhor através de uma espiritualidade íntima, e uma forma de manifestar esta intimidade com o Senhor é por meio da amizade, semente do amor plantada por Deus em nossos corações.

A amizade só acaba quando a desconfiança entra, pois desta forma, nos fechamos em nós, e já não somos capazes de nos abrir e nos aprofundar no outro. Ser amigo é conhecer as coisas essenciais da amizade, e "o essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração"<sup>55</sup>. Concluo, portanto, que à luz da palavra do Senhor, realmente *“Não é bom que o homem esteja só”*<sup>56</sup>. Podemos e devemos buscar um amigo fiel pois ele é *"uma poderosa proteção: quem o achou, descobriu um tesouro"*<sup>57</sup>. Esta experiência, de amizade, que foi vivenciada tanto por Deus quanto pelo homem é sublime e incomparável, pois *"nada é comparável a um amigo fiel, o ouro e a prata não merecem ser postos em paralelo com a sinceridade de sua fé."*<sup>58</sup> E esta busca é perfeitamente possível, uma vez que *"Um amigo fiel é um remédio de vida e imortalidade; quem teme ao Senhor, achará esse amigo."*<sup>59</sup>

É importante, contudo, destacarmos que, quem procura uma amizade para se completar, viverá se decepcionando com as pessoas. Pois ninguém pode nos completar. Por maior que seja seu amor seja por alguém, nunca será capaz de

---

<sup>54</sup> Ecl 6,14

<sup>55</sup> Saint-Exupéry, O Pequeno Príncipe.

<sup>56</sup> Gn 2,18

<sup>57</sup> Ecl 6,14

<sup>58</sup> Ecl 6,15

<sup>59</sup> Ecl 6,16

completá-lo. **Só Deus pode nos completar.** Ele é o maior dos amigos. Foi capaz de dar a vida pelo outro, por nós. Ele soube ser Amigo como ninguém, pois soube amar infinitamente<sup>60</sup>.

Jesus vive, enquanto homem de forma equilibrada, e por este motivo vive bem o amor e a amizade pelos demais. Os amigos dão a vida pelo próximo, e não medem esforços, ou tempo para isso. É um contínuo morrer para as coisas ruins do outro, e um ressuscitar para as coisas boas e de valor que ele tem a oferecer.

O amigo nos cativa. Cativar é criar laços. Nós temos necessidade de ter um ao nosso lado, não com sentimentos de posse, mas com sentimentos de um amor puro, que é constante e presente. Assim como o som da chegada de um inimigo nos leva a nos "escondermos" em nossas tocas; a chegada do amigo faz com que saíamos delas. Ele nem sempre concorda com tudo que pensamos ou fazemos, pois é a voz da consciência que Deus colocou ao nosso lado, para nos fazer mais santos. Com certeza, ele vai nos decepcionar, pois ele é humano, assim como nós. Mas ele também se decepcionará conosco. E o bonito na amizade é que o amor que há nela, não deixa essas diferenças, por maiores que sejam, separar os verdadeiros amigos.

Não abandones a teu amigo, nem ao amigo de teu pai; nem entres na casa de teu irmão no dia de tua adversidade. Mais vale um amigo perto do que um parente longe. (Pr 27,10)

Na verdadeira amizade há sempre tempo e vontade para se reconciliar. Deve-se esquecer as decepções. Ninguém é igual. Se alguém errou e se foi, outro pode acertar. E creia, ele vai acertar! As coisas ruins dos amigos deveram escrevê-las na areia do "mar da vida" para que as "ondas da misericórdia" venham e as apaguem. Mas as coisas boas nós fazemos questão de gravar na "rocha firme" do nosso coração para que nem o tempo às apague! *"Aquele que encobre a transgressão busca a amizade, mas o que revolve o assunto separa os maiores amigos."* (Pr 17,9).

O verdadeiro amigo está sacramentado em nosso coração. Porque o tiramos de ordinário de nossa vida para colocá-lo no extraordinário dela. *"O amigo ama em todo o tempo: na desgraça, ele se torna um irmão"* (Pr 17,17).

Deus é amor. Deus é amizade. Amor é Deus e Amizade também é Deus. E nada pode nos separar dessa verdade. Porque em Cristo somos mais que vencedores. O amor não acaba, o que acaba são os sentimentos enganosos e as paixões. Amar é mais que sentimento. É decisão, como o é a amizade. Queira ser e deixar-se ser amigo. Basta ser bom. Todos os dias é dia de amar. Todos os dias é dia de ser amigo. Todo dia é dia de Deus em nossas vidas, pois ele é o modelo do verdadeiro Amigo! Parafraseando o poeta Luiz Vieira podemos dizer, sem sombra de dúvidas, que Jesus, enquanto amigo, é isto:

Você é isso: Uma beleza imensa,  
Toda recompensa de um amor sem fim.  
Você é isso: Uma nuvem calma  
No céu de minh'alma; é ternura em mim.

---

<sup>60</sup> Jo 15,13

Você é isso: Estrela matutina,  
Luz que descortina um mundo encantador.  
Você é isso: É parto de ternura,  
Lágrima que é pura, paz do meu amor<sup>61</sup>.

Claro que nosso grande modelo de amizade é o próprio senhor Jesus, que deu a vida por seus amigos<sup>62</sup>. Assim podemos concluir este nosso estudo sobre a Amizade, com esta oração, como extraída do Catecismo da Igreja Católica, em seu artigo nº 2665:

(...) o Novo Testamento põem em nossos lábios e gravam em nossos corações as invocações desta oração a Cristo: Filho de Deus, Verbo de Deus, Senhor, Salvador, Cordeiro de Deus, Rei, Filho bem-amado, Filho da Virgem, Bom Pastor, nossa Vida, nossa Luz, nossa Esperança, nossa Ressurreição, **Amigo dos homens..**

Certos de que: “Quanto mais participarmos da vida de Cristo e quanto mais progredirmos em sua amizade, tanto mais difícil de ele separar-nos pelo pecado mortal.” CIC 1395. Pois ao amarmos exercemos de forma involuntária a caridade e esta:

“tem como frutos a alegria, a paz e a misericórdia exige a beneficência e a correção fraterna; é benevolência; suscita a reciprocidade; é desinteressada e liberal; é amizade e comunhão. A finalidade de todas as nossas obras é o amor. Este é o fim, é para alcançá-lo que corremos, é para ele que corremos; uma vez chegados, é nele que repousaremos. *CIC 1829*”

Assim, é certeza de nossa fé, que mantendo a amizade com Cristo, nele e por ele conquistaremos a salvação, pois por meio de sua graça e de sua amizade seremos purificados:

Os que morrem na graça e na amizade de Deus, mas não estão completamente purificados, embora tenham garantida sua salvação eterna, passam, após sua morte, por uma purificação, a fim de obter a santidade necessária para entrar na alegria do Céu. *CIC 1030*

Pois um dos bens mais preciosos do Cristão é a possibilidade da amizade com Deus.

"Toda a força da Penitência reside no fato de ela nos reconstituir na graça de Deus e de nos unir a Ele com a máxima amizade." Portanto, a finalidade e o efeito deste sacramento é a reconciliação com Deus. Os que recebem o sacramento da Penitência com coração contrito e disposição religiosa "podem usufruir a paz e a tranquilidade da consciência, que vem acompanhada de uma intensa consolação espiritual". Com efeito, o sacramento da Reconciliação com Deus traz consigo uma verdadeira "ressurreição espiritual", uma restituição da dignidade e dos bens da vida dos filhos de Deus, entre

<sup>61</sup> Paz do meu Amor, Luiz Vieira: <http://letras.mus.br/luis-vieira/546692/>

<sup>62</sup> Jo 15,13

os quais o mais precioso é a amizade de Deus (Cf Lc 15,32). CIC 1468

Assim concluímos que tanto a exemplo da Filosofia, quanto à Luz da Teologia nosso conforto, nossa consolação está no amor. Se existe, para a Filosofia o ápice na Amizade segundo a virtude, na Teologia o ápice encontra-se na Amizade como bem expressa São Paulo em sua carta aos Filipenses:

Portanto, se há um conforto em Cristo, uma consolação no amor; se existe uma comunhão no Espírito, se existe ternura e compaixão, completem a minha alegria: tenha uma só aspiração, um só amor, uma só alma e um só pensamento. Não façam nada por competição e por desejo de receber elogios, mas por humildade, cada um considerando ou outros superiores a si mesmo. Que cada um procure não o próprio interesse, mas o interesse dos outros. Tenham em vocês mesmos os mesmos sentimentos que havia em Jesus Cristo: Ele tinha a condição divina, mas não se apegou à igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo... (Fl 1,ss).

Portanto sejamos amigos, busquemos a exemplo de Jesus ter e acreditar na Amizade, fonte de um amor incondicional. Saibamos vive-la como uma agradável fantasia, que pode, e deve, se tornar uma imensa realidade. Pois, como diz a poeta Chiara Ferrau<sup>63</sup> na letra da música "*Nella fantasia*"

Nesta fantasia eu vejo um mundo justo, ali todos vivem em paz e em honestidade  
O sonho das almas que são sempre livres, como as nuvens que voam  
Cheias de humanidade dentro da alma

Na fantasia eu vejo um mundo claro, lá também a noite é menos escura  
Eu sonho que as almas são sempre livres, como nuvens que voam  
Cheias de humanidade

Na fantasia existe um vento quente, que sopra pela cidade como amigo  
Eu sonho que as almas são sempre livres, como nuvens que voam  
Cheias de humanidade no fundo da alma

## Referências

ALAIZ, At. *O Valor da Amizade*. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 1986.

ALBENQUE, P. *A Prudência em Aristóteles*. São Paulo, SP: Discurso Editoria, Paulus, 2008.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo, SP: Editora Martin Claret Ltda., 2001.

<sup>63</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EkUm6oQvIF8>

ARRUDA, L.F. *Riso e Lágrimas em Betânia: A amizade na vida de Jesus*. São Paulo, SP: Paulus, 2013.

BALDINI, M. *Amizade e Filósofos*. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

CERAGIOLI, F. *Sete Mulheres do Evangelho: uma introdução à oração*. São Paulo, SP: Editora Ave-Maria, 2008.

CHALITA, G. *Os Dez Mandamentos da Ética*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CÍCERO, M.T. *Da Amizade*. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

HINNEBUSCH, P. *O Ministério da Amizade*. São Paulo, SP: Paulus, 1996.  
<http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/eclesiastico/6/#.UnjUa49TtD8>

MENDONÇA, J.T. *Nenhum caminho será longo: para uma teologia da amizade*. São Paulo, SP: Paulinas, 2013.

ORTEGA, F. *Genealogias da Amizade*. São Paulo, SP: Editora Iluminuras Ltda., 2002.

OSHO. *Amor, Liberdade e Solicitude: Uma nova visão sobre os relacionamentos*. São Paulo, SP: Editora Pensamento/Cultrix Ltda., 2001.

PAPA BENTO XVI. *Catequeses do Papa Bento XVI: Os Apóstolos e os Primeiros Discípulos de Cristo - As Origens da Igreja*. Brasília, DF, Edições CNBB, 2012.

SAINT-EXIPÉRY, A. *O Pequeno Príncipe*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Agir, 2009.

SCHÜLER, A. *Dicionário Enciclopédico de Teologia*. Canoas, RS: Editora da ULBRA, 2002.

YODER, W. *Laços de Amizade*. Rio de Janeiro, RJ, 2011.

ZINGANO, M. *Estudos de Ética Antiga*. São Paulo, SP: Discurso Editoria, Paulus, 2009.

*Data de recebimento: 04/11/2021; Data de aceite: 10/12/2021*

---

**Wilson Fernando Pereira da Silva** - Secretário Provincial - Secretaria Provincial. Texto extraído do Trabalho de Conclusão do Curso de Teologia no Curso Superior de Teologia, mantido pela Arquidiocese de Brasília, sob orientação do Prof. Pe. Antônio Jacaúna. E-mail: [secprobcn@marista.edu.br](mailto:secprobcn@marista.edu.br)